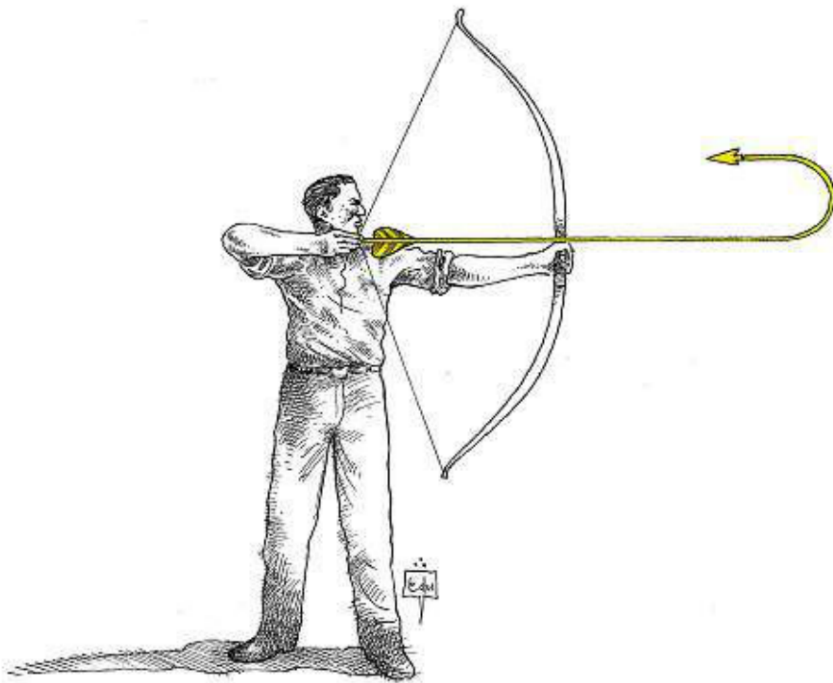


## Opinião da RBS

## FOGO AMIGO



**C**omeçou de forma preocupante o esquema de segurança da Copa, como o país pôde constatar ontem durante o deslocamento de jogadores da Seleção entre o Rio de Janeiro e a Granja Comary em Teresópolis. Manifestantes contrários à realização do evento – a maioria professores das redes estadual e municipal fluminense – encontraram caminho livre para colocar decalques e bater no ônibus no qual os atletas se deslocavam para a concentração. Embora não tenha havido violência, o episódio tem potencial para gerar intranquilidade dentro e fora do país. Demonstra, no mínimo, que houve um descuido da segurança e dá uma ideia do quanto a democracia será testada até o encerramento do certame.

Protestos de grupos desfavoráveis à Copa ou que simplesmente se

**O país precisa conciliar os direitos de minorias inconformadas com os das majorias interessadas em vê-lo cumprir compromissos assumidos com a comunidade internacional.**

aproveitam da visibilidade propiciada no momento em que as atenções de boa parte do mundo se voltam para o Brasil precisam ser vistos como naturais num país livre. Só não podem prejudicar terceiros. Os episódios associados ao primeiro dia de concentração indicam que as minorias dispostas a fazer barulho estão mesmo decididas a complicar a competição, sem qualquer consideração com a vontade da maioria e

com os prejuízos à imagem do país no contexto internacional.

Eventos dessa grandeza sempre provocam sobressaltos. Mesmo na Alemanha, frequentemente apontada como parâmetro de eficiência, a Copa de 2006 gerou inquietações em relação à segurança. Na África do Sul, num determinado momento, a combinação de manifestações com atrasos das obras chegou a passar a ideia de que a realização do Mundial de 2010 estava ameaçada. Em ambos os países, o futebol acabou se impondo com um traço comum entre povos marcados por diferenças abissais e a grande festa do mundo esportivo pôde transcender sem maiores percalços. Sem prejuízo à livre manifestação, essa deve ser também a expectativa em relação ao Brasil.

O país precisa conciliar os direitos de minorias inconformadas com os das majorias interessadas em vê-lo cumprir compromissos assumidos com a comunidade internacional.

## Artigos

## O antes e o depois dos resíduos sólidos

**B**rasil e Alemanha começaram praticamente juntos, nos anos 80, os processos de coleta seletiva de materiais recicláveis. De lá pra cá, quanta diferença. A Alemanha chega a mais de 60% dos resíduos desviados de aterros sanitários. O Brasil, em cidades bem-sucedidas como Florianópolis, mal avança os dois dígitos. Em torno de mil toneladas por mês são recolhidas pela coleta seletiva da Comcap, que atinge 100% dos bairros da Capital pelo sistema porta em porta. Isso representa 6% do total de resíduos sólidos urbanos coletados em Florianópolis. Mais dois pontos percentuais são acrescidos com as coletas de materiais volumosos, pneus e óleo de cozinha. E há aquela quantidade reciclada por supermercados, sucateiros, catadores informais. De qualquer modo, bem abaixo da recuperação alemã.

No plano técnico, basicamente porque sequer foram construídas aqui políticas públicas para reciclar os materiais orgânicos – os resíduos úmidos que compõem em torno de metade do lixo ainda aterrado. No plano econômico, porque lá os investimentos foram infinitamente maiores.

Esta semana, a prefeitura de Florianópolis dá um passo importante para mudar este cenário e promove, através da Comcap e em parceria com a Universidade de Braunschweig, de Hannover, o 2º Congresso Técnico Brasil Alemanha – Gestão Sustentável de Resíduos Sólidos, com 10 especialistas alemães e 20 brasileiros. É a chance de aproximar esses mundos: o europeu e o brasileiro, o público e o privado, a academia e o setor produtivo, o catador e o consumidor. Em tempos de economia circular, os produtos são praticamente iguais e o que os diferencia é o destino que recebem. Ninguém deveria se surpreender se logo, mais importante do que a origem dos produtos, será saber o destino dado no pós-consumo. É preciso estar preparado para o tempo.



**MARIUS BAGNATI**  
Engenheiro civil, diretor de operações da Comcap. Morador de Florianópolis

**Em tempos de economia circular, os produtos são praticamente iguais e o que os diferencia é o destino que recebem.**

Grupo **RBS**

Presidente Emérito:  
Jayme Sirotsky

Fundador:  
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

Presidente do Conselho de  
Administração e Comitê Editorial

Nelson Pacheco Sirotsky

Conselheiros:

Carlos Melzer  
Cláudio Thomaz Lobo Sonder  
Jayme Sirotsky

Marcelo Sirotsky  
Nelson Mattos  
Pedro Sirotsky

Diretoria Executiva

Presidente-executivo: Eduardo Sirotsky Melzer

Jornais, Rádios e Digital: Eduardo Magnus Smith  
Televisão: Antônio Augusto Pinnet Tigre  
Jornalismo: Marcelo Rech  
Finanças: Cláudio Toigo Filho  
Pessoas e Tecnologia: Deli Matsuo  
Estratégia e Desenvolvimento de Negócios: Luciana Antonini Ribeiro  
Negócios Digitais - e.Bricks: Fabio Bruggioni  
Brasília: Alexandre Kruehl Jobim

Diretor Institucional e Jurídico SG: Paulo Gallotti  
Diretor-geral de Jornais SG: Gabriel Casara

**DIÁRIO CATARINENSE**  
Fundado em 5 de maio de 1986

Diretor de Redação  
Ricardo Stefanelli  
Diretor Comercial e de Marketing  
Eduardo Gerchman

www.diario.com.br